Amar é ser fiel a quem nos trai.
Nelson Rodrigues, *Perdoa-me por me traíres*

Sentada no banco de trás da viatura, imóvel, Laura observa a orla da praia de Ipanema pela janela. O Sol acaba de se esconder atrás do morro Dois Irmãos. Parece um fim de domingo qualquer, com famílias voltando da praia, jovens se exercitando na ciclovia, ambulantes recolhendo barracas e turistas admirando o céu alaranjado do Rio de Janeiro. Toda essa felicidade banal é insuportável. Laura baixa os olhos para as mãos suadas. Ainda há resquícios de sangue seco em suas unhas. Ela tenta remover, esfregar com força, mas não adianta. Está grudado.

De olhos fechados, ela recosta a cabeça na janela, com o som da sirene da polícia martelando em seus ouvidos, as batidas fortes do coração se confundindo com o trepidar do carro nas ruas esburacadas. Laura tenta controlar a respiração, mas está ansiosa e assustada. Tudo é muito recente.

— Estamos chegando — diz a delegada ao seu lado, com uma voz firme e ligeiramente rouca. Ela deve ter seus cinquenta anos, veste calça *jeans* justa e uma blusa preta que lhe delineia bem os seios. Sua beleza é comum, mas sua postura autoritária intimida.

A delegada foi a última a chegar ao local do crime. Assim que entrou no apartamento, conversou longamente com um policial mais velho, acompanhou os peritos, observou o cômodo ao seu redor e só então

se aproximou de Laura. De maneira protocolar, se apresentou como Patrícia, a responsável pelo caso de Julia, e ordenou que Laura a acompanhasse até a delegacia mais próxima.

O carro sobe pelo canal Jardim de Alah, no Leblon, dobra a esquina e desacelera. Laura logo enxerga a fachada do prédio onde se lê 14ª DELEGACIA DE POLÍCIA. Uma pequena multidão de repórteres com câmeras e microfones, além de curiosos, aguarda na calçada. Eles se amontoam ao redor da viatura, que para junto ao meio-fio, enquanto um grupo de policiais militares tenta criar uma barreira de proteção. Laura sente um aperto no peito pela exposição. Pelo menos não está algemada.

— Vamos andar rápido — Patrícia diz, oferecendo a Laura uma camisa amarrotada para cobrir a cabeça. — Sem parar pra nada nem pra ninguém, tá?

Do lado de fora, um policial jovem abre a porta traseira. Laura sai do carro e sente o bafo quente da noite. Coloca a camisa sobre os cabelos, como um véu, e avança olhando para os próprios pés, enquanto é bombardeada por flashes, gritos e perguntas.

— Você está em choque?

— Qual era a sua relação com a vítima?

— Foi você que atirou?

Alguém menciona o nome de Diego, mas ela não consegue escutar mais nada, porque Patrícia a segura pelo braço com força, quase cravando as unhas na carne, e a leva até os fundos da delegacia. Ali, sobem uma escadinha e seguem por um corredor estreito até entrarem por uma porta com uma janela de vidro fosco.

— Já pode tirar.

Laura devolve a camisa para a delegada e observa ao redor. Está em uma sala pequena e claustrofóbica, com paredes bege descascadas, chão encardido, cadeiras de metal e uma mesa retangular no centro, com os pés fixados por parafusos. O silêncio impera.

Seu celular vibra no bolso. Número desconhecido. Laura recusa a ligação. Na tela, vê mais de trinta ligações perdidas e centenas de mensagens não respondidas. Sem dúvida, a notícia já saiu na *Internet.* Amigos e conhecidos estão começando a descobrir o que aconteceu e querem saber mais, conseguir detalhes, tirar uma casquinha da sua desgraça.

Agora é impossível esconder, varrer para debaixo do tapete, fingir que está tudo bem. Ela precisa enfrentar as consequências.

— É melhor isso ficar comigo… — Patrícia diz, estendendo a mão.

Laura hesita, mas entrega o celular e se senta. Patrícia sai, deixando-a ali sozinha. Laura mantém a cabeça baixa e fica esfregando as mãos. Não tem noção de quanto tempo passa. Duas horas, talvez três. Quase chega a cochilar. Então ergue a cabeça. Há duas câmeras piscando no teto e um espelho retangular falso na parede atrás dela.

Laura se vira e finalmente toma coragem para encarar o próprio reflexo. Sempre foi uma mulher bonita, que chama a atenção, mas agora seus cabelos castanhos estão desgrenhados, seus olhos cor de mel estão inchados e vermelhos, e a pele esmaecida tem um corte profundo na testa e um hematoma roxo na bochecha direita. Sua blusa de seda branca está amarrotada, com manchas de sangue e um rasgo na frente, na altura do colarinho, revelando parte do sutiã.

Ela está péssima, destruída, em cacos. Quando se dá conta, já está chorando. As lágrimas brotam com vontade, pontuadas por soluços profundos. Patrícia aparece de repente, como se a estivesse observando o tempo todo, e deixa uma caixa de lenços na mesa.

Laura pega um e entende que chegou a hora. O momento definitivo.

Sua vida nunca mais será a mesma.

— Vamos começar?

INQUÉRITO POLICIAL Nº 06071967.2025
LOCAL: 14ª DELEGACIA DE POLÍCIA — SALA 1
DATA: 21/09/2025
HORÁRIO DE INÍCIO: 20H57
DELEGADO(A): PATRÍCIA CUSTÓDIO REVOREDO
DEPOENTE: LAURA GUIMARÃES PRATA

(*chiado*)
PATRÍCIA: Este depoimento está sendo gravado e filmado, tudo bem?
(*silêncio — 5 segundos*)
PATRÍCIA: Responda alto, por favor.
LAURA: Tudo bem.
PATRÍCIA: Apenas para registro, você foi informada de que tem o direito de chamar um advogado, mas abriu mão desse direito. Confere?
(*silêncio — 5 segundos*)
PATRÍCIA: Alto.
LAURA: Sim.
PATRÍCIA: Devo adverti-la, então, de seu direito ao silêncio.
LAURA: Não tenho nada a esconder.
(*som de uma jarra sendo colocada sobre a mesa*)
PATRÍCIA: Quer água? Café?
LAURA: Não, obrigada.
PATRÍCIA: Nome completo, por favor.
LAURA: Laura Guimarães Prata.
PATRÍCIA: Idade?

LAURA: Trinta e três anos.
PATRÍCIA: Profissão?
LAURA: Até fiz faculdade por um tempo, enfermagem, mas não terminei a graduação. Hoje tenho uma floricultura. Em Ipanema.
PATRÍCIA: Há quanto tempo é casada?
LAURA: Eu e o Diego… (*suspiro*) A gente é casado há treze anos. Mas são quinze juntos. (*som de choro*) Ele foi meu primeiro namorado…
PATRÍCIA: Você diria que é feliz no casamento?
LAURA: A gente sempre foi feliz… Muito feliz… Principalmente no início… (*choro aumenta*) Não sei por que fui me meter nisso… Eu sabia que podia dar errado. Mas nunca imaginei que podia dar *tão* errado…
PATRÍCIA: Vamos com calma. Não temos pressa. (*pausa*) Me conta como tudo começou.
LAURA: Foi há mais de um mês. Dia 15 de agosto, uma sexta-feira. (*pausa*) Aquela noite… Era pra ser uma noite diferente, uma coisa só nossa, sabe? Foi o Diego que deu a ideia. (*choro aumenta*) Era pra ser uma noite de prazer…

Laura

…mas eu estava muito, muito nervosa. Trabalhei a tarde inteira na floricultura dando os últimos retoques nos arranjos personalizados para um casamento. Enquanto minhas mãos desfolhavam flores e decoravam vasos, eu não conseguia parar de pensar no encontro daquela noite. Estava tão distraída que acabei me cortando sem querer. Levei o indicador aos lábios e o gosto de sangue inundou minha boca. Pareceu um sinal, um mau agouro. Eu não devia ter aceitado a proposta de Diego. Mas era tarde demais.

Nicole, minha funcionária, reparou que tinha alguma coisa errada. Ela me abordou no final do dia, quando eu estava lavando as mãos sujas de terra.

— Tá tudo bem entre você e Diego?

— Tá — menti, forçando um sorriso.

Nicole trabalhava comigo fazia um ano, indicada por um amigo do meu marido. Não éramos exatamente íntimas, mas sempre nos demos muito bem. Aproveitei para avisar que sairia mais cedo, deixei com ela a chave para fechar a loja e fui para casa. Fazia um calor danado. Mesmo assim, preferi voltar a pé, como sempre faço. São só três quarteirões até o nosso prédio.

Diego ainda estava no trabalho. Aproveitei para passar um esmalte discreto nas unhas dos pés, enchi a banheira com sais de banho, liguei um *jazz* e abri um vinho para tentar me animar. Não deu certo. Uma série de perguntas me perturbava: Aquela loucura daria certo? Eu conseguiria relaxar e me divertir ou só estava fazendo aquilo pelo meu marido? Nosso casamento voltaria a ser como antes?

Minha relação com Diego já não era a mesma havia algum tempo. Quando a gente se conheceu, eu estava com dezoito anos e tinha acabado de chegar ao Rio para estudar enfermagem. Um namorado não estava nos meus planos. Muito menos me apaixonar. Uma colega da faculdade insistiu que eu fosse com ela a uma festa dos alunos de direito. Como eu não tinha muitos amigos na cidade, aceitei, em um esforço para ser sociável. Foi nessa festa que a gente se viu pela primeira vez.

Diego sempre foi um gato, do tipo que arranca suspiros por onde passa. Aos vinte e três anos, ele parecia um deus grego, com rosto quadrado, maxilar bem definido, cabelo preto e liso, perfeitamente penteado para trás em um corte italiano, sorriso largo e olhos verdes e profundos que me devoravam.

A gente se beijou naquela noite, mas não levei a sério. Pensei que eu seria só mais uma para ele. No dia seguinte, Diego me ligou. Queria me ver de novo. Saímos para jantar e conversamos por horas. Ele me fez rir, sonhar, esquecer os problemas. Combinamos um cinema na semana seguinte, e depois um fim de semana em Búzios. E foi assim, aos poucos, que descobri quem Diego era: herdeiro de uma tradicional linhagem de advogados cariocas, filho único do ex-desembargador e renomado criminalista Samuel Guimarães. Na época, Diego estava terminando a faculdade e já tinha o futuro muito bem traçado. E, para minha surpresa, ele quis que *eu* fizesse parte daquele futuro.

Tive muitas dúvidas. Afinal, eu vinha de um mundo totalmente diferente. Cresci em uma família de classe baixa de Itaipava, na região serrana do Rio, filha de um feirante e de uma costureira. Meu pai nunca valeu nada; era um alcoólatra, mulherengo, que vivia colecionando amantes por aí. Toda vez que descobria uma pulada de cerca, minha mãe sofria, chorava baixinho no meu quarto, prometia a si mesma que era a última vez, mas bastava meu pai chegar em casa que ela enxugava

as lágrimas, engolia a mágoa e seguia adiante, como se nada tivesse acontecido. Desde cedo, aprendi com ela a fingir que está tudo bem.

Acabei me refugiando na solidão: cuidava das flores no jardim, brincava com os cachorros na rua e devorava livros com histórias de amor bem diferentes da que eu presenciava em casa. Quando adolescente, incentivei minha mãe a abandonar meu pai, recomeçar a vida. Ela merecia ser feliz, viver com alguém que a colocasse para cima. Mas ela nunca teve coragem.

Certa noite, quando eu tinha dezesseis anos, meu pai chegou bêbado em casa e, aproveitando que minha mãe não estava, me beijou. Ele agarrou meu cabelo e enfiou a língua na minha boca. Fiquei sem reação. Quando passou a esfregar o corpo no meu, eu o empurrei com força e comecei a gritar. Minha mãe chegou em casa e flagrou a confusão. Contei tudo, aos prantos. Ela não acreditou. Disse que eu estava mentindo, que era uma invenção minha só para prejudicar o casamento deles, que eu estava com inveja. Fiquei em choque. Naquela mesma noite, saí de casa e passei a morar com a minha tia.

À medida que eu e Diego nos aproximamos, me senti à vontade para contar essa história para ele. Eu ainda era virgem. Depois daquele trauma, queria que a minha primeira vez fosse especial. Pensei que Diego fosse me achar uma chata, mas ele teve paciência. E, quando finalmente aconteceu, foi mágico e maravilhoso.

Eu gostava de tudo nele: do perfume com toque de couro, do peito largo e quente, das mãos grandes, do corpo musculoso pesando sobre o meu depois do sexo, do calor dos nossos pés roçando no lençol, do cabelo desgrenhado ao acordar, do jeito que me pegava pela cintura, da risada sincera que ele dava quando eu falava alguma besteira, do seu talento impressionante para imitar outras pessoas, da sua vontade de me mostrar tudo de que mais gostava (Fellini! Vinis de música brasileira! Dias ensolarados em Capri e Sorrento! Canoa havaiana ao nascer do sol em Copacabana!).

E o mais importante: ele me fazia gozar. Muito. Eu podia não ter experiência em matéria de sexo, mas conversava sobre o assunto com minhas amigas. Muitas delas se queixavam dos namorados, dizendo que eram agressivos na cama ou que só pensavam neles, gozavam e viravam

de lado para dormir. Com Diego, era diferente. Ele gostava de ver o meu prazer. Ao menos naquela época.

Com vinte e cinco anos, Diego começou a trabalhar como advogado no escritório do pai e assumiu seus primeiros casos. Meses depois, ele me pediu em casamento. Sempre fui desconfiada. Tinha medo de me machucar, porque via como meu pai tratava minha mãe. Mas Diego tinha me feito acreditar que podia ser diferente, que uma relação podia ser construída com amor, carinho e cuidado. E eu… estava tão loucamente apaixonada que disse sim.

No fim daquele ano, a gente se mudou para a cobertura da Vieira Souto onde moramos até hoje. Para quem até então dividia uma quitinete alugada com uma colega de faculdade, o apartamento era um verdadeiro palácio: um duplex de trezentos e cinquenta metros quadrados com quatro quartos e uma sala enorme. Lembro que até chorei na primeira vez em que deparei com a vista deslumbrante da orla através dos janelões.

Diego me carregou no colo pelo apartamento, subiu a escada e me levou ao piquenique surpresa que havia preparado na beira da piscina de borda infinita. Depois de um passado violento, eu não estava habituada a ser tão bem tratada. Diego me oferecia uma vida de princesa. Queria ser meu príncipe encantado. E eu não podia negar que estava gostando.

Nossa festa de casamento foi uma das mais comentadas da cidade. Políticos, advogados, juízes e até alguns famosos compareceram. Claro que eu não conhecia a maior parte daquelas pessoas, mas os pais de Diego são muito bem relacionados e influentes. Diego me exibiu com orgulho pelo salão, dançou, bebeu e se divertiu comigo a noite toda, me apresentou como «a mulher mais linda do mundo», o que arrancou sorrisos e elogios dos convidados. Eu mesma só convidei minha tia e algumas amigas da faculdade. Nunca mais falei com meus pais.

Eu estava no quinto período quando Diego sugeriu que eu largasse a faculdade. Ele tinha razão. Trabalhar como enfermeira não combinava em nada com a vida que eu vinha levando: fins de semana no Country Club ou na casa dos pais dele em Angra, viagens longas para a Europa ou para os Estados Unidos; sem falar na agenda intensa de

jantares, simpósios e eventos aos quais ele fazia questão de me levar. Eu precisava estar sempre bonita, bem informada e pronta para manter um diálogo interessante com quem quer que fosse. Além disso, mesmo tendo a ajuda de uma empregada e uma cozinheira, eu administrava a casa, decidia o cardápio da semana, organizava jantares para pessoas importantes e, claro, possuía minha rotina de cuidados.

Durante algum tempo, nosso casamento funcionou bem assim. Tínhamos uma programação intensa e éramos felizes. Mas há uns quatro anos comecei a me sentir… esquisita, solitária, vazia. Eu me mantinha ocupada fazendo natação, academia, ioga, terapia, participando de clubes de leitura, passando tardes em spas e clínicas de estética, tomando *brunch* com as esposas dos amigos de Diego, mas… faltava algo. Não nasci para ser madame, precisava de mais.

Comentei com Diego sobre meu incômodo e, meses depois, ele comprou a floricultura para mim: LAURA PRATA FLORES. Uma butique com fachada de vidro em uma região arborizada de Ipanema, especializada em arranjos florais personalizados. Meu paraíso.

Não tardou e começamos a planejar o próximo passo esperado de uma família feliz: filhos. Eu sempre quis ser mãe. Ele sempre quis ser pai. Parei de tomar pílula e deixamos que a natureza fizesse seu trabalho. Esperamos quase um ano. Simplesmente não acontecia. Eu não engravidava. Procurei um médico, fiz tratamentos hormonais. Nada. Isso me perturbou. Foi nessa época que procurei um psiquiatra e passei a tomar remédios para controlar meu humor.

Diego tentou me consolar, disse que não era o fim do mundo, que podíamos continuar tentando ou contratar uma barriga de aluguel nos Estados Unidos, como Edgar e Cristiano, um casal *gay* que a gente conhece. Logo depois, no entanto, Diego pegou um caso de grande repercussão envolvendo pessoas poderosas e se tornou uma figura midiática. Escrever livros, dar palestras e atender aos maiores clientes do escritório do pai se tornaram as prioridades do meu marido. O plano de ter filhos acabou ficando para escanteio.

Acho mesmo que uma criança em casa teria evitado tudo o que aconteceu mais tarde. Aos poucos, não sei dizer direito como, nem por quê, algo mudou. Nossa vida continuava a mesma — agitada e invejável —,

mas nossa conexão tinha se perdido. Diego mal encostava em mim; só me dava um selinho ao sair para o trabalho e outro antes de dormir. O sexo ficou morno: passou a uma vez na semana; depois a cada quinze dias, e então a cada mês — sempre no último domingo. Trepadas rápidas, sem preliminares, sem olho no olho. Ele não me fazia mais gozar.

De início, achei que não fosse nada, apenas o desgaste natural de quem beija a mesma boca há anos, de quem já desvendou todas as partes do corpo do outro. Tentei inovar: comprei um dado erótico em um *sex shop*, vesti calcinhas de renda, experimentei géis de massagem e lubrificantes com sabor. Funcionou por algum tempo, mas logo caímos na mesmice outra vez. E voltamos ao sexo mensal, protocolar.

Então, certa manhã de domingo, depois de um papai e mamãe apático, perguntei:

— Por que você fecha os olhos?

— O quê?

— Ultimamente, você transa comigo de olhos fechados.

Diego desdenhou, disse que não era nada, que eu estava delirando. Mas eu entendi: ele imaginava outras mulheres. Enquanto me beijava, era outra que ele estava beijando. Enquanto me chupava, era outra que ele estava chupando. Enquanto me comia, era outra que ele estava comendo.

Fiquei sem chão. Na mesma hora me vieram à mente todas as vezes em que meu marido sugeriu abrir nosso casamento. Ele nunca havia forçado a barra, nem sido muito direto. Durante um jantar a dois, ou em uma viagem de férias, ele apenas mencionava o assunto, mais num tom de ideia abstrata do que de proposta efetiva, e esperava a minha reação. Segundo ele, era algo que casais que estavam juntos havia muito tempo faziam para manter a chama acesa: visitar uma casa de *swing* ou sair com uma terceira pessoa para viver uma experiência diferente. Minha resposta era sempre não. *Não, não e não*. Pode me chamar do que quiser, de tradicional, de idealista, de idiota, mas eu preferia acreditar na monogamia, no amor romântico, no felizes para sempre dos contos de fadas.

No entanto, depois da noite em que me dei conta de que ele pensava em outras enquanto estava comigo, me esforcei para ser menos intransigente e pelo menos tentar. Eu não tinha pressa nenhuma, claro.

Então esperei que ele mencionasse o assunto outra vez. Infelizmente, não demorou muito.

A gente estava em casa num sábado, tomando um vinho tinto caro perto da piscina. Transamos, mas foi bem morno (como sempre vinha sendo). Então, como quem não quer nada, Diego comentou que tinha ouvido falar de um aplicativo discreto para casais em busca de novas experiências: o A3. Ele sugeriu criar um perfil «só pra ver como é». Topei.

Poucos dias depois, ele veio me dizer que estava conversando com uma tal de Vivian, que tinha conhecido no A3. E me mostrou fotos dela — uma moça bonita, de vinte e cinco anos, com pele bronzeada, cabelo preto ondulado abaixo dos ombros, sorriso misterioso e olhos pretos. Fiquei perturbada. Não tinha atinado que a terceira pessoa seria uma mulher. Quanta inocência! Claro que outro homem estava fora de cogitação. Ele jamais aceitaria.

— Você não precisa interagir com ela — Diego argumentou. — É só pra gente tentar algo novo, vai.

Ele sugeriu marcar o encontro naquela semana, no nosso apartamento.

— Aqui em casa? Tem certeza? — perguntei.

— É melhor. A gente tem mais controle. Imagina combinar num restaurante, num lugar público e, sei lá, encontrar algum conhecido…

Era impressionante: ele sempre pensava em tudo.

Até que ponto estou disposta a ir para salvar meu casamento?, eu me perguntava. Parecia uma loucura, um salto no escuro. Mas, pelo meu marido, eu disse sim. Se era nossa melhor chance de voltar ao que éramos antes, eu tinha que tentar.

Nos dias seguintes, nutri a esperança de que a moça desistisse em cima da hora. Ou de que Diego mudasse de ideia. Ou de que o mundo acabasse e a noite de sexta-feira nunca chegasse. Mas chegou.

O encontro estava marcado para as nove. Por volta das oito, Diego entrou em casa. A garrafa de vinho já estava pela metade, mas eu ainda não me sentia pronta. Bebi o restante da minha taça em goladas e me servi de um pouco mais. Saí da banheira, inebriada, e comecei a me arrumar no quarto. Queria ficar linda.

Escolhi minha calcinha mais ousada e um vestido preto de seda com uma fenda bonita nas costas, que eu nunca tinha usado por falta de

ocasião (chique demais para um jantar; vulgar demais para um coquetel formal). Calcei meus *Louboutin*, prendi o cabelo de uma forma despretensiosamente sofisticada e pus brincos longos, de ouro, que balançavam sutilmente. Me encarei no espelho. *Uau!* Eu parecia outra mulher. Mais poderosa, dona de mim. E definitivamente linda. Objetivo alcançado!

Apesar disso, minhas mãos suavam e meu estômago se revirava. Peguei meu ansiolítico na gavetinha e pinguei algumas gotas na língua. Em tese, não podia misturar com vinho. Mas eu estava precisando.

Quando saiu do banheiro, Diego me flagrou.

— Ei, não vai queimar a largada, hein?

Ele já estava de banho tomado e vestido — calça de linho, mocassins e camisa azul-marinho com colarinho aberto e mangas dobradas até os cotovelos. Seu perfume estava fortíssimo. Guardei o remédio e sorri para o reflexo dele, tentando disfarçar o nervosismo. Fiquei chateada por ele não ter comentado como eu estava bonita.

Diego abriu a gaveta do armário, pegou alguns preservativos, um lubrificante e deixou tudo na mesa de cabeceira. Baixei os olhos para os dedos.

— Fico de aliança?

— Ela sabe que a gente é casado.

— Tem razão.

Ele mal pareceu me escutar. Saiu do quarto mexendo no celular. Levei um tempo para me maquiar. Olhei para o relógio de pulso. Nove e um. Peguei minha taça de vinho e segui para a sala, onde já estava tudo pronto. Luzes baixas e indiretas, velas aromáticas na mesa de centro, as cortinas dos janelões parcialmente fechadas. Um vinho tinto caro num decanter sobre a mesa, ao lado de duas taças de cristal. Eu já estava com a minha. *Bette Davis Eyes* saía dos alto-falantes embutidos no teto, em um volume agradável.

Diego estava diante do aparador, pegando nossos porta-retratos e escondendo na gaveta. Entendi por quê. Quanto mais privacidade melhor. Recolhi a revista *Casa Vogue* com a nossa foto na capa e aproveitei para guardar alguns objetos de valor que tínhamos na sala.

— Ela está atrasada — comentei.

— Só dez minutos. Acabou de avisar que está chegando. Já liberei na portaria. Ela vai subir direto.

Diego saiu e voltou trazendo algumas facas de cozinha.

— Não acha que está exagerando?

— É uma desconhecida aqui em casa — ele disse, enquanto as guardava no aparador. — E se for uma louca?

— Agora você me deixou com medo.

Ele trancou a gaveta e guardou a chave no bolso. Com um clique no celular, desligou o sistema de câmeras que temos na sala, nos corredores e no *hall* do apartamento.

— Cuidado nunca é demais, Laura.

Como criminalista, Diego estava acostumado a pensar em tudo que podia dar errado. Para aliviar minha tensão, comecei a ajeitar o arranjo de flores no aparador, de orquídeas feiticeiras rosa e brancas, um tipo raro.

Diego me surpreendeu ao se aproximar por trás, com as mãos na minha cintura e a boca colada ao meu ouvido:

— Vai ficar tudo bem. Confia.

O calor do seu hálito me acalmou. Virei o corpo e o encarei de perto. Meu Deus, como ele continuava bonito! Seu lábio inferior tremia de leve e os pelos de seu braço estavam arrepiados.

— Como você acha que ela é? — perguntei.

Ele pensou por um instante e deu de ombros.

— Jovem, né? Parece bem animada, meio irônica, meio bobinha. E bastante safada. — Ele sorriu. — E você? Como acha que ela é?

— Pelas fotos, achei que parece… esperta. Determinada. E dissimulada.

— Dissimulada?

Diego balançou a cabeça, zombando do meu comentário.

— Você também está nervoso — eu disse, enquanto ajeitava o colarinho dele. — Te conheço.

— Não era essa a ideia?

Terminei a taça mais uma vez e peguei o decanter para me servir de mais. Diego me impediu, segurando meu braço de leve e me observando com carinho.

— Ainda dá tempo de cancelar. Quer?

Fiquei feliz que ele sugerisse essa possibilidade. Mas eu sabia que era tarde demais.

— Quero que ela toque a campainha logo.

Ele gostou da minha resposta. Fez um carinho no meu rosto.

— Ótimo!

— E se sair do controle?

— A gente para.

Nosso combinado era que eu tinha aceitado um simples encontro. Sem garantias de que terminaríamos a noite na cama. Mas quem eu estava tentando enganar? Claro que a gente ia transar. Se eu desistisse, Diego ficaria decepcionado. E tudo continuaria ruim como estava.

Ele se aproximou para me dar um beijo. Um selinho.

No instante em que nossos lábios se encostaram, a campainha tocou. Soltei o ar lentamente, enquanto ele seguia para a porta. O tempo pareceu se estender. Eu me sentia vulnerável, à beira do abismo.

— Bem-vinda — meu marido disse ao abrir a porta.

— Obrigada — a mulher respondeu.

De onde eu estava, ainda não conseguia vê-la. Lembro bem a sensação: de escutar a voz, baixa e segura, enquanto ela ainda estava nas sombras. Então Vivian surgiu na minha frente e, de repente, tudo se tornou concreto. Estava acontecendo. Senti que alguma coisa mágica que existia entre mim e Diego se rompia de vez. Afinal, princesas não beijam mulheres na boca nem aceitam que seus príncipes encantados tragam uma estranha para dentro de casa. Os casais felizes para sempre dos contos de fadas não fazem *ménage*.

Quando Vivian se aproximou para me cumprimentar, fui invadida por uma série de pensamentos.

Nossa, ela é mais alta do que pensei.

E é ainda mais bonita do que nas fotos!

Meu Deus, essa mulher vai destruir meu casamento.

INQUÉRITO POLICIAL Nº 06071967.2025
LOCAL: 14ª DELEGACIA DE POLÍCIA — SALA 1
DATA: 21/09/2025
HORÁRIO DE INÍCIO: 20H57
DELEGADO(A): PATRÍCIA CUSTÓDIO REVOREDO
DEPOENTE: LAURA GUIMARÃES PRATA

PATRÍCIA: Você pensou isso?
LAURA: O quê?
PATRÍCIA: Que ela ia destruir o seu casamento?
LAURA: Sim… Na hora, sim. Por favor, não me entenda mal. Eu estava tensa, insegura.
PATRÍCIA: E alterada…
LAURA: O quê?
PATRÍCIA: Estou falando do remedinho que você misturou com álcool.
LAURA: Foi pouco. Bem pouco. Só o suficiente pra me acalmar.
PATRÍCIA: O suficiente pro seu marido reparar.
LAURA: Diego repara em tudo. Ele sempre foi meio neurótico com essas coisas.
PATRÍCIA: Você estranhou que ele trancasse as facas de cozinha na gaveta do aparador, não?
LAURA: Achei desnecessário, só isso…
PATRÍCIA: E foi ele que desligou o sistema de câmeras?
LAURA: Sim. (*pausa*) Mas isso eu entendo… Ele não queria que as câmeras filmassem o que ia acontecer na sala. Com esses

hackers especializados em vazar vídeos íntimos hoje em dia… (*pausa*) Diego sempre foi controlador.

PATRÍCIA: E você disse que ele parecia nervoso?

LAURA: Sim. Um pouco. (*pausa*) Meu marido nunca foi de expressar os sentimentos, sabe? Percebi que ele estava tentando disfarçar. Acho que pra me tranquilizar também.

PATRÍCIA: Dias antes do encontro, ele te mostrou fotos dela, não foi?

LAURA: Sim.

PATRÍCIA: Que fotos eram? Você se lembra?

LAURA: Não. Não exatamente. Desculpa.

PATRÍCIA: Alguma destas?

(*farfalhar de papéis*)

LAURA: Essa, sim. (*pausa*) Essa não lembro. (*pausa*) Essa também, acho.

PATRÍCIA: E como ele te mostrou essas fotos? Estavam no perfil dela no aplicativo?

LAURA: Não. (*pausa*) Ele me disse que os dois já estavam conversando por *WhatsApp* pra combinar tudo.

PATRÍCIA: Você não se incomodou com isso? Com seu marido conversando com uma mulher para combinar um *ménage* na sua casa?

LAURA: Eu confiava nele.

PATRÍCIA: Confiava, mas se sentiu ameaçada quando ela chegou.

LAURA: Sim. Não tenho por que mentir. Depois, essa sensação foi passando. (*pausa*) Assim que entrou no apartamento, ela veio na minha direção, olhou no fundo dos meus olhos e disse: «Nossa, você é muito gata».